

A VOZ FEMININA ANCESTRAL: O ROMPIMENTO DO MEMORICÍDIO EM CACHORRO VELHO, DE TERESA CÁRDENAS

THE ANCESTRAL FEMALE VOICE: BREAKING THE MEMORICIDE IN OLD DOG,
BY TERESA CÁRDENAS

Recebido: 12/04/2025 Aprovado: 19/05/2025 Publicado: 31/07/2025

DOI: 10.18817/rlj.v9i1.4106

Valéria Sales Menezes¹

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-5418-6942>

Paulo Bungart Neto²

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-3402-0312>

Resumo: A escritora cubana Teresa Cárdenas, laureada com o prestigiado Prêmio Casa de las Américas, convida-nos, em *Cachorro Velho* (2010), a uma imersão visceral na história e na memória da escravidão em Cuba, revelando as profundas cicatrizes deixadas por esse evento traumático. Tais cicatrizes, herdadas do colonialismo, são reconhecidas como crimes (BÁEZ, 2010): genocídio, etnocídio e memoricídio. A autora ficcionaliza a partir da memória coletiva e de seus ancestrais escravizados, transformando a escrita em um ato de resistência contra o esquecimento e a negação, além de promover a reparação e a preservação da memória do povo negro nas Américas. A ficcionalização do testemunho, nesse contexto, não desvia da verdade histórica, mas amplia as vozes silenciadas, dando-lhes ressonância e construindo um contradiscurso que desafia as narrativas dominantes. As personagens femininas Beira e Aroni desempenham um papel essencial nessa reconstituição/reconstrução, oferecendo múltiplas perspectivas sobre a condição feminina no contexto da escravidão. Seus papéis extrapolam as representações estereotipadas, revelando uma complexidade que se manifesta em suas vozes, resistências e, sobretudo, na preservação da memória ancestral. Através delas, a autora propõe a reflexão sobre a importância da oralidade e da tradição na construção da identidade e na luta contra o esquecimento. A literatura, portanto, funciona como uma ferramenta poderosa na luta contra o racismo e na construção de uma sociedade que, ao

¹ Doutoranda em Letras - na área de Literatura e Práticas Culturais pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Também Mestra pelo mesmo Programa e Instituição (Bolsista CNPQ/CAPES/2017 a 2019), onde analisou a representação metonímica da descolonização haitiana no romance "A ilha sob o mar" (2011), da chilena Isabel Allende. Graduou-se em Letras - Habilitação Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2016). Lecionou no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/2014 a 2016). Atuou como professora contratada pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (2021-2022), onde ministrou aulas nos cursos de Pedagogia e Administração (UU Maracaju) e Letras - Habilitação Português/Espanhol (UU Dourados). Ainda, atua na Rede Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul desde 2021, lecionando a disciplina de Língua Espanhola e outras; atuou, na mesma rede, como Professora Coordenadora de Práticas Inovadoras (PCPI) (2022-2024). Hoje é Professora Coordenadora de Área de Linguagens e suas Tecnologias na EE Ramona da Silva Pedrosa. É bolsista CAPES (Doutorado) e FUNDECT-MS (supervisão - PICTEC IV). E-mail: valeria.menezes@hotmail.com

² Paulo Bungart Neto possui Graduação em Letras (Bacharelado - Português) pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 1996), Mestrado em Letras (Teoria Literária e Literatura Comparada) pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Assis (UNESP, 2002), Doutorado em Letras (Literatura Comparada) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS, 2007), e Pós-Doutorado em Estudos Literários (com ênfase nas memórias da literatura brasileira contemporânea) pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG, 2013-2014). É Professor Titular de Literatura Comparada e Crítica Cultural da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), atuando na Graduação do curso de Letras da instituição e no Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado), como professor permanente, na área de Literatura e Práticas Culturais. É membro do Grupo de Trabalho (GT) de Literatura Comparada da Associação Nacional de Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL). E-mail: pauloneto@ufgd.edu.br

lembrar o passado, evita a sua repetição. Este trabalho discute a obra a partir das teorias de Figueiredo (2010 e 2011), Duarte (2022), Evaristo (2015), Gagnebin (2012) e Pizarro (2009).

Palavras-Chave: *Cachorro Velho* (2010); memoricídio; ancestralidade; arquivo.

Abstract: Cuban writer Teresa Cárdenas, recipient of the prestigious Casa de las Américas Prize, invites readers in *Cachorro Velho* (2010) to a visceral immersion into the history and memory of slavery in Cuba, exposing the deep scars left by this traumatic legacy. These scars, inherited from colonialism, are identified as crimes (BÁEZ, 2010): genocide, ethnocide, and memoricide. Drawing from collective memory and her enslaved ancestors, Cárdenas transforms writing into an act of resistance against oblivion and denial, promoting both reparation and the preservation of Black memory in the Americas. Fictionalized testimony in this context does not distort historical truth but instead amplifies silenced voices, creating a counter-discourse that challenges dominant narratives. The female characters Beira and Aroni play a crucial role in this process of reconstitution and reconstruction, offering multiple perspectives on the female condition within slavery. Their roles transcend stereotypical representations, revealing complexity through their voices, acts of resistance, and commitment to preserving ancestral memory. Through them, the author underscores the significance of orality and tradition in shaping identity and resisting erasure. Literature, thus, emerges as a powerful tool in the fight against racism and in the construction of a society that, by remembering the past, prevents its repetition. This study analyzes the work through the theoretical lenses of Figueiredo (2010, 2011), Duarte (2022), Evaristo (2015), Gagnebin (2012), and Pizarro (2009).

Keywords: *Cachorro Velho* (2010) [*Old dog*] (2010). Memoricide. Ancestry. Archive.

Introdução

A nossa escrevivência não pode ser lida como história para 'ninar os da casa-grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos (Evaristo, 2015, p. 2).

A literatura tem sido uma ferramenta poderosa na reconstrução da memória coletiva e na denúncia de sistemas opressivos que marcaram profundamente a história de sociedades colonizadas. Em *Cachorro Velho* (2010)³, a escritora cubana Teresa Cárdenas, laureada com o prestigiado Prêmio Casa de las Américas, nos convida a um passeio visceral pela história da escravidão em Cuba. Com uma prosa crua e sensível, a autora, descendente de escravizados, tece uma narrativa que transcende a mera categoria infanto-juvenil segundo a qual a obra foi rotulada, confrontando o leitor com as cicatrizes profundas deixadas pela escravidão. Através do personagem Cachorro Velho, que dá título à obra, um porteiro de 70 anos que jamais ultrapassara a cancela do engenho e que cuja trajetória é marcada pela violência e pela desumanização, Cárdenas revela a dimensão trágica da experiência escrava, evidenciando não apenas o sofrimento físico, mas também os danos psicológicos infligidos às suas vítimas.

³ Tradução de Joana Angélica d'Ávila Melo. O título da obra original é *Perro Viejo* (2005).

Teresa Cárdenas é uma escritora cujo trabalho se distingue pela articulação de uma profunda reflexão sobre a herança histórica e cultural de sua ancestralidade. Sua obra, caracterizada por uma estética narrativa que entrelaça o pessoal e o coletivo, encontra sua raiz em uma "escrevivência", conceito que pode ser entendido como um processo de escrita enquanto forma de resistência e preservação da memória ancestral. Esse conceito evoca não apenas as experiências pessoais da escritora, mas também as vivências de um povo, com ênfase na transmissão de uma história muitas vezes silenciada, marcada pela opressão e pela luta pela liberdade.

A ancestralidade de Cárdenas é, sem dúvida, um dos pilares de sua produção literária. Sua avó materna, que foi escravizada, configura um elo essencial na reconstrução de uma memória coletiva que, embora dilacerada pela violência histórica, se manifesta na resistência cultural e na recuperação de vozes que desafiam o esquecimento. Ao revisitar essa memória, Cárdenas refaz a história de sua família e inscreve em sua obra o desafio de reverter o apagamento das narrativas de sujeitos subalternizados pela história oficial.

No romance em questão, a memória da escravidão e suas consequências para a construção identitária de um povo afrodescendente são elementos centrais. A autora problematiza as cicatrizes deixadas pela escravidão em Cuba ao mesmo tempo em que celebra a herança cultural e a resistência do povo negro. Seu trabalho se insere no campo da literatura pós-colonial, propondo uma reavaliação da identidade cultural cubana à luz de sua conexão com as diásporas africanas e as complexas dinâmicas de racismo estrutural que ainda permeiam tal sociedade.

A utilização da "escrevivência" na obra de Cárdenas deve ser compreendida dentro de uma perspectiva teórica que se alinha à crítica pós-colonial e aos estudos de memória. Nesse contexto, a escrita não é apenas um ato de criação estética, mas também um mecanismo de resistência epistêmica, em que a autora busca reconstituir as narrativas históricas que foram subalternizadas ou distorcidas pelos processos coloniais e que, portanto, estabelecem um espaço de enunciação que ultrapassa o limite do literário, assumindo uma função de reparação simbólica e de reafirmação das identidades negras em Cuba.

Nesse sentido, Cárdenas se inscreve, de maneira pertinente, como uma das principais vozes da literatura cubana contemporânea, ao desafiar os limites da representação e dar visibilidade a um legado que, por muito tempo, foi silenciado. Esse é o convite que o artigo propõe: revelar uma história outra desta região do

globo e compreender como o passado ainda se faz presente — seja por meio da ficcionalização, seja por meio da própria história.

Escrevivência e memoricídio: literatura e preservação da memória

A produção literária de mulheres, embora presente ao longo da história, foi por muito tempo silenciada e marginalizada nos cânones literários. Cecil Zinani (2010) questiona a produção literária construída na América e considerada pelo discurso eurocêntrico/estadunidense como literaturas marginais ou de terceiro mundo. Isso nos leva a pensar na trajetória do romance latino-americano e em toda a sua construção histórica baseada em modelos europeus e, por fim, a recuperação do regional, ocasionada pelos escritores do *boom*, bem como a consciência do autor em relação ao espaço em que está inserido, criando uma nova realidade, ora configurada como realismo mágico, ora configurada como real maravilhoso, sendo Borges, de acordo com Zinani, um divisor de águas nesse novo romance latino-americano.

Além da retomada da representação da nação por meio do regionalismo e do realismo mágico, ocorre a reflexão da experiência histórica através da ficção, o que possibilita a construção de enredos de sujeitos aos quais a historiografia oficial ainda não deu a devida importância, como no caso da experiência feminina na ficção.

Duarte (2022, p. 15) destaca que, especialmente a partir do século XVIII, essa autoria foi sistematicamente negligenciada pela historiografia, levando à invisibilização de suas contribuições e ao chamado “memoricídio”. É importante ressaltar que essa invisibilização se intensifica quando se trata de mulheres racializadas, escravizadas ou libertas, cujas experiências se distanciam significativamente daquelas das mulheres de elite. A publicação da obra de Teresa Cárdenas representa um marco importante nesse contexto, pois permite resgatar e valorizar a produção literária de mulheres negras, contribuindo para a desconstrução de narrativas históricas eurocêntricas e patriarcais.

A expressão “memoricídio” é utilizada pelo ensaísta e historiador venezuelano Fernando Báez em sua obra *A história da destruição cultural da América Latina: da conquista à globalização* (2010), que assinala os três crimes cometidos pelos colonizadores na América Latina: genocídio, etnocídio e memoricídio. Segundo Duarte,

[...] os conquistadores não se limitaram a tomar o território e as riquezas, mas também exterminaram grupos, destruíram culturas e impuseram o esquecimento de seu passado. No caso dos africanos aqui trazidos e escravizados ocorreu algo semelhante: foram despojados de suas culturas e batizados com nomes cristãos (Duarte, 2022, p. 16).

Nesse contexto, o conceito de memoricídio é fundamental para compreender como a destruição da memória coletiva tem sido uma ferramenta eficaz para apagar resistências históricas. Trata-se da eliminação deliberada de patrimônios materiais e imateriais que simbolizam a resistência cultural dos povos subjugados. Exemplo disso é a substituição de símbolos e estruturas culturais, como a sobreposição de igrejas católicas às antigas pirâmides, a transformação de templos pagãos em mosteiros cristãos, a substituição de palácios tradicionais por mansões coloniais e a conversão das chinampas — que atendiam às necessidades internas — em grandes plantações voltadas ao mercado externo.

Como afirma Báez (2010, p. 288), "um povo sem memória é como um homem amnésico: não sabe o que é nem o que faz e é presa eventual de quem o rodeia. Pode ser manipulado". Controlar o passado, portanto, torna-se uma poderosa estratégia de domínio sobre o futuro. As elites culturais, subordinadas aos centros hegemônicos, exploraram essa amnésia coletiva para enfraquecer ou anular a resistência. A chamada transculturação, ou substituição da memória, foi imposta em três fases: inicialmente, pelo rompimento da memória dominada, manifestado em perdas e nostalgias; em seguida, pela imposição da cultura dominante; e, por fim, pela criação de estratégias de resistência e adaptação por parte dos grupos sobreviventes, em resposta ao grau de contato e imposição cultural (Báez, 2010, p. 37).

A partir disso, contar tal história é ir contra o memoricídio, pois Cárdenas recupera toda uma memória coletiva, não somente cubana e exclusiva de sua ancestralidade, mas,

[...] na escrita contemporânea sobre a escravidão, trata-se de testemunho de um *auctor* (Agamben, 2008, p. 150), alguém que transmite a memória coletiva ao mesmo tempo que trabalha nos arquivos da escravidão para dar testemunho do que existiu no passado. [...] Os escritores que hoje se debruçam sobre a memória da escravidão pretendem justamente escrever a história a contrapelo e revelar a barbárie que estava incrustada no projeto colonial europeu, cujo discurso civilizatório encobria a exploração dos

africanos aqui trazidos para trabalharem como escravos [...] (Figueiredo, 2010, p. 166; grifo da autora).

A ficcionalização do evento-limite conhecido como escravidão, como vemos no romance, é um ato de resistência e reparação à memória do povo negro. Ao recontar a história a partir de uma perspectiva subalterna, Cárdenas resgata memórias esquecidas e as transforma em narrativas poderosas. Essa estratégia literária permite que a experiência traumática seja revisitada e reinterpretada, oferecendo novas possibilidades de compreensão e de elaboração do passado. A partir dos arquivos da escravidão e da memória coletiva, a autora confere voz aos que foram silenciados, permitindo que suas histórias transcendam as possíveis limitações do testemunho e se transformem em um legado cultural:

Esta questão histórica da escravidão é crucial. Recontar literariamente nossa história sobredeterminada pela escravidão é criar ficções que deem conta de um certo ambiente, forçosamente imaginário, através da utilização de diferentes formas de arquivos a fim de figurar nossa memória cultural. O escritor usa os arquivos não para reconstituir a história como ela de fato foi; através dos vestígios deixados, através das expressões culturais lacunares que resistiram, através dos traumas que persistem, o escritor conta histórias para testemunhar (Figueiredo, 2010, p. 169).

Ao ficcionalizar, a partir das experiências de seus ancestrais escravizados, a autora, além de preservar a memória, exerce um ato de resistência contra o esquecimento e a negação. A ficcionalização do testemunho, nesse caso, não é um desvio da verdade histórica, e sim uma forma de ampliar as vozes silenciadas, dar-lhes ressonância e construir um contra discurso que desafia as narrativas dominantes. A literatura de Cárdenas, portanto, revela-se como uma ferramenta poderosa para a luta contra o racismo e para a construção de uma sociedade que, ao não esquecer seu passado, tenderia, por conseguinte, a não mais repeti-lo.

Em entrevista concedida ao Café Colombo, projeto de extensão vinculado ao Centro Acadêmico do Agreste da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Teresa afirma:

[...] Só porque eu posso escrever, eu existo. E tudo isso tem a ver com ser mulher negra, nascida no Caribe, falante de espanhol, afro-cubana. É difícil não sentir a força e a resistência dos meus ancestrais africanos por trás de cada palavra escrita. Ou a alegria e ao mesmo tempo a tristeza de uma mulher ilhoa, afro-latina, cercada pelo mar e banhada pelo sol (PAZ *apud* Cárdenas, 2021, s/p).

A ancestralidade presente na obra também é marcante na vida da autora cubana, o que podemos atrelar ao conceito de escrevivência criado por Conceição

Evaristo. A escrevivência, como prática de escrita que incorpora a experiência do viver, da memória ancestral e da luta por reconhecimento, revela-se fundamental para compreender a obra de Cárdenas. Ao escrever sobre suas personagens, a autora narra histórias e também resgata a sua própria história e a de seu povo, estabelecendo um diálogo íntimo com a memória e com as experiências vividas por gerações de mulheres negras.

Esse resgate da memória fica evidente na escrita da autora, como ela mesma confirma:

É uma literatura de memória, do que herdei dos meus antepassados e que hoje vive sob a minha pele. Eu não escreveria o mesmo se tivesse nascido em outro lugar e época. Meus temas têm a ver com a história do meu povo atravessando o Atlântico e a sobrevivência nesta parte do mundo. São temas de sobrevivência, de apego à vida mesmo após a morte. Deixar suas palavras como um legado para as novas gerações é não desistir de si mesmo ou daqueles que o precederam, é isso que você transmite para os que vierem depois de você. Minha literatura é apenas uma cesta que herdei com histórias e personagens que certamente viveram em algum lugar da História. Minha missão é passar tudo o que aprendi para as crianças e jovens desta geração (Paz *apud* Cárdenas, 2021, s/p).

Em *Cachorro Velho* (2010), personagens femininas como Beira e Aroni desempenham um papel essencial nessa reconstituição/reconstrução, oferecendo múltiplas perspectivas sobre a condição feminina no contexto da escravidão. Seus papéis extrapolam as representações estereotipadas, revelando uma complexidade que se manifesta em suas vozes, resistências e, sobretudo, na preservação da memória ancestral. Através dessas personagens, a autora propõe a reflexão sobre a importância da oralidade e da tradição na construção da identidade e na luta contra o esquecimento.

Beira, velha companheira de plantação, dividia com *Cachorro Velho* os cafés da montanha, enquanto observavam as sombras dos demais escravizados se alongarem rumo à plantação de cana-de-açúcar. Seus cantos evocavam memórias de um passado distante, em uma língua ancestral, talvez aprendida nos barracões ou trazida da África. Essa ancestralidade comum os unia, transcendendo as dores e angústias do presente ao qual estavam inseridos, pois, de acordo com Nei Lopes (2011, p. 59), a ancestralidade está relacionada ao antepassado:

[...] para o africano, o ancestral é importante e venerado porque deixa uma herança espiritual sobre a Terra, contribuindo assim para a evolução da comunidade ao longo da sua existência. Ele atesta o poder do indivíduo e é tomado como exemplo não apenas para que suas ações sejam limitadas,

mas para que cada um de seus descendentes assuma com igual consciência suas responsabilidades.

O arquivo como espaço de resistência e identidade

A urgência em resgatar e validar a memória do passado ancestral, especialmente sob a perspectiva dos colonizados, torna imprescindível a recuperação de arquivos históricos. Nesse sentido, a noção de arquivo, tal como concebida por Jacques Derrida (1997[2001]), mostra-se particularmente relevante. A palavra grega *arkhê*, que, etimologicamente, significa tanto “começo” quanto “comando”, aponta para a dualidade inerente ao arquivo: ele é ao mesmo tempo origem e autoridade, um lugar de origem e um espaço de poder.

Para Derrida, o arquivo é um espaço privilegiado para o exercício do poder. Na Grécia Antiga, os arcontes, enquanto detentores do poder político, eram os guardiões dos arquivos e responsáveis por sua interpretação. Essa relação entre poder e arquivo revela-se fundamental para compreendermos as dinâmicas de produção e preservação do conhecimento histórico. Ao controlar o acesso aos arquivos e determinar os critérios de sua interpretação, os arcontes moldavam a memória coletiva e legitimavam determinadas narrativas históricas: “[...] os arcontes foram seus primeiros guardiões. Não eram responsáveis apenas pela segurança física do depósito e do suporte. Cabiam-lhes também o direito e a competência hermenêuticos. Tinham o poder de interpretar os arquivos” (Derrida, 2001, p. 12-13).

Em suma, a recuperação e a análise de arquivos históricos são cruciais para a construção de narrativas mais justas e inclusivas sobre o passado. Ao desvelar as vozes silenciadas e questionar as interpretações dominantes, pesquisadores contribuem para a decolonização do conhecimento e para a construção de uma sociedade mais equitativa. A figura do arconte, como guardião e intérprete dos arquivos, alerta para a importância de uma análise crítica das fontes históricas e para a necessidade de desconstruir os discursos hegemônicos.

O arquivo emerge então como um espaço privilegiado para a reflexão sobre a memória, pois, como argumenta Pizarro (2009, p. 354), ele representa um ato de resistência contra o esquecimento, garantindo a perenidade de experiências e conhecimentos ao longo do tempo. Ao resistir ao fluxo temporal, o arquivo se constitui como um contraponto à efemeridade da existência, preservando as memórias coletiva e individual.

A construção do arquivo é um processo complexo e multifacetado, que envolve a ação de diversos agentes sociais. A figura do arconte oferece um ponto de partida para a compreensão desse processo. Conforme Figueiredo (2010, p. 165), o arquivo é uma estrutura dinâmica e em constante transformação, moldada pelas práticas descritivas e pelas subjetividades dos indivíduos que com ele interagem. Desse modo, podemos afirmar que o arconte não é apenas um guardião passivo do arquivo, mas também um agente ativo em sua construção e interpretação.

Teresa Cárdenas tem a tarefa de “escavar a memória em busca de vestígios” (Figueiredo, 2011, p. 191), vestígios estes recuperados por Aroni e travestidos de arquivos em sua forma de arconte, pois “[...] a rememoração salva o passado, porque procede não só à sua conservação, mas lhe assinala um lugar preciso de sepultura no chão do presente, possibilitando o luto e a continuação da vida” (Gagnebin, 2012, p. 35).

Ao analisar a figura do arconte à luz das reflexões de Figueiredo e Derrida, podemos identificar em Aroni uma espécie de arconte contemporâneo. Sua experiência pessoal e coletiva, marcada pela escravidão e pela resistência, coloca-a em uma posição privilegiada para narrar e interpretar a história de seu povo. Através de sua voz, é possível resgatar e valorizar um patrimônio cultural que, por muito tempo, foi marginalizado e silenciado.

Aroni é descrita como a “[...] feiticeira das palavras. Bruxa dos devaneios (...) Narrava a qualquer hora e em qualquer lugar. Seus contos eram para todos. (...) Apenas contava histórias, fábulas que tinha escutado quando era menina em sua aldeia, na África” (Cárdenas, 2010, p. 27-28). Em outro ponto, Cárdenas a apresenta como aquela que é a “[...] guardiã de todas as histórias [...]”, isto é, representa a história de seu povo. É através da voz da personagem que Cachorro Velho busca entender o passado, sua ancestralidade e até mesmo o seu verdadeiro nome, mas Aroni jamais se lembrara de seu nome africano, apenas do nome cristão, Eusebio, dado a ele pelo padre.

Um dos maiores desejos do personagem, além de saber o seu nome, é reencontrar a mãe. A única lembrança que possui é o cheiro dela. Esse cheiro, que permeia suas lembranças, serve como um fio condutor que o conecta à sua ancestralidade e identidade. É uma memória afetiva que o acompanha mesmo nos momentos mais difíceis, oferecendo-lhe um refúgio em meio à brutalidade da escravidão:

Dias depois de seu nascimento, sua mãe voltou a trabalhar no campo, cortando cana e desmatando. Quanto a ele, levaram-no para o quarto grande, onde três ou quatro escravas idosas cuidavam dos recém-nascidos. O menino não voltou a estar em seus braços, mas, sempre que alguma mulher passava perto dele, ele cheirava, buscando o aroma perdido. (...) O pai do senhor do engenho achou engraçado ver o bebê farejando todo mundo. Dizia que isso lhe recordava os sabujos quando tinham fome, ou quando corriam inquietos para o mato, perseguindo algum escravo fugitivo. (...) Por isso dera a ele aquele apelido (Cárdenas, 2010, p. 68).

A busca do Velho pelo cheiro da mãe representa a retomada de suas raízes ancestrais e, conseqüentemente, de sua identidade, que lhe foi negada pela escravidão, ao passo que também funciona como uma forma de resistência contra o esquecimento e a desumanização, isto é, a afirmação da sua existência e dignidade.

Sem ter crescido perto da mãe, para Cachorro Velho Aroni, ao narrar os mitos africanos, exerce um papel fundamental na construção de sua identidade, possibilitando-lhe a reconfiguração do mundo a partir de novas perspectivas e a criação de um espaço mental onde a esperança e a resistência podem florescer. Durante as aulas de catecismo, enquanto o vigário André discorria sobre doutrinas religiosas, o Velho encontrava refúgio em suas próprias memórias. A monotonia das catequeses contrastava com a riqueza das histórias que ouvira na infância, quando Aroni, com sua voz cerimoniosa, transportava-o para as histórias de uma África jamais conhecida por ele, mas tão sonhada.

A África sonhada pode ser evidenciada pelo quilombo *El Colibrí*, “[...] se realmente existisse, ficava longe. Tanto que era quase um sonho chegar até lá” (Cárdenas, 2010, p. 135). Cachorro Velho sempre teve medo de fugir, mas, às vezes, pensava em fazê-lo. É com a chegada de uma menina fugida que essa ideia toma corpo. Aísa, uma menina que deveria ter entre dez e doze anos, está em busca do pai que, provavelmente, se encontra no quilombo: “[...] meu pai fugiu pro mato e o patrão não conseguiu agarrar ele. Meu pai é livre!” (Cárdenas, 2010, p. 85). Tal passagem demarca a força ancestral da menina e faz Cachorro Velho criar coragem. A fuga para o quilombo é uma metáfora da busca por identidade, ancestralidade e pertencimento.

Conclusão

Apesar de se dirigir ao público infanto-juvenil, a obra de Teresa Cárdenas não se furta à tarefa de confrontar os leitores com a dura realidade do passado. Através da figura de Aroni, a autora resgata a memória ancestral, convidando seus leitores a não se esquecerem de suas raízes e a questionarem as narrativas históricas dominantes com vistas a romper de vez o memoricídio tão comum em “nossa América”, pois, como nas palavras de Audre Lorde (2019, p. 240), “[...] ao ignorar o passado, somos encorajados a repetir seus erros [...]”.

As personagens femininas na obra denotam sua importância na reconstrução da memória ancestral e na resistência ao esquecimento imposto pela escravidão. Beira e Aroni, personagens centrais, oferecem uma perspectiva única sobre a experiência feminina durante a escravidão, bem como desempenham papéis essenciais como guardiãs da memória e da tradição. Através delas, Cárdenas revisita o passado colonial, incorporando a oralidade e os mitos africanos como instrumentos de resistência. Além disso, a busca de Cachorro Velho pela identidade e pelo reencontro com sua mãe simboliza o esforço coletivo para resgatar e preservar as raízes culturais, em um ato de resistência contra a desumanização histórica.

A análise do romance evidencia como a literatura pode constituir-se em um espaço de reconfiguração das memórias coletivas silenciadas, especialmente aquelas relacionadas à diáspora africana e à escravidão no contexto latino-americano e caribenho. Por meio de uma narrativa que alia a subjetividade do testemunho à ancestralidade da oralidade, a autora afro-cubana rompe com os modelos tradicionais de representação histórica e inscreve sua obra no campo do novo romance histórico, recusando a linearidade temporal e a centralidade de heróis brancos ou colonizadores.

Ao recontar a história a partir dos vencidos, dos marginalizados e dos silenciados, Teresa Cárdenas aponta a literatura como uma forma de resistência epistêmica, reparação simbólica e reencantamento do passado, o que reafirma o papel ético e político da ficção como um espaço de disputa de narrativas e de preservação de heranças culturais subalternizadas.

Referências

- Cárdenas, Teresa. *Cachorro Velho*. Trad. Joana Angélica d'Ávila Melo. Rio de Janeiro: Pallas, 2010.
- Cárdenas, Teresa. *Perro Viejo*. La Habana, Cuba: Casa de las Américas, 2006.
- Derrida, Jacques. *Mal de arquivo: uma impressão freudiana*. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.
- Duarte, Constância Lima. Apresentação: Na contramão do memoricídio. In: Duarte, Constância Lima (Org.). *Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras pela história*. Belo Horizonte: Editora Luas, v. 1, 2022, p. 15-19.
- Evaristo, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe um dos lugares de nascimento da minha escrita. *Revista Z Cultural*, v. 3, 2015, p. 1-3.
- Figueiredo, Eurídice. *Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- Figueiredo, Eurídice. O Grande Caribe: mestiçagem e barroco, memória e história. In: REIS, Livia; Figueiredo, Eurídice (Orgs.). *América Latina: integração e interlocução*. Rio de Janeiro: 7Letras; Santiago, Chile: Usach, 2011. p. 179-196.
- Gagnebin, Jeanne Marie. Apagar os rastros, recolher os restos. In: Sedlmayer, Sabrina; Ginzburg, Jaime (Orgs.). *Walter Benjamin: rastro, aura e história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 27-38.
- Lopes, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- Lorde, Audre. Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença. In: Hollanda, Heloísa Buarque de (Org.). *Pensamento feminista hoje: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.
- Paz, Rayanne Soares da. Memória, identidade e resistência na literatura latino-americana, entrevista com Teresa Cárdenas. *Mafuá*, Florianópolis, Santa Catarina, Brasil, n. 38, 2022. ISSN: 1806-2555.
- Pizarro, Ana. A América Latina como arquivo literário: Gabriela Mistral no Brasil. In: Marques, Reinaldo; Souza, Eneida Maria de. *Modernidades alternativas na América Latina*. Tradução de Cristiano Silva de Barros. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009, p. 352-369.
- Zinani, Cecil Jeanine Albert. *História da Literatura: questões contemporâneas*. Caxias do Sul, RS: EDUCS, 2010. p. 35-91.